

Dois homens, um beijo e a rostidade da intolerância em Meu corpo daria um romance, de Herbert Daniel

José Veranildo Lopes da Costa Junior

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (BRASIL)

Anselmo Peres Alós

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (BRASIL)

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the narrative *Meu corpo daria um romance* by Herbert Daniel (1984). We will propose a reading of this novel that highlights homosexual issues and themes and establishes a connection with the work of contemporary philosophers, such as Gilles Deleuze and Félix Guattari.

Keywords: Herbert Daniel; literature; philosophy; homosexuality; Brazilian civic-military dictatorship.

Este artigo busca realizar uma análise da narrativa *Meu corpo daria um romance*, escrita em 1984, por Herbert Daniel. No que diz respeito a essa discussão, propomos uma leitura do romance a partir do destaque de questões e temas ligados à homossexualidade e estabelecemos uma conexão com o trabalho de filósofos contemporâneos, tais como Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Palavras-chave: Herbert Daniel, literatura, filosofia, homossexualidade, ditadura cívico-militar no Brasil.

Localizando a discussão

A homossexualidade é a verdade do amor
Gilles Deleuze, 1964

Não tenham medo. A vida é feita de coragem.
Fernando Haddad, 2018

A ditadura cívico-militar no Brasil vigorou entre 1964 e 1985, caracterizando-se pelo forte aparelho de repressão às liberdades democráticas e instituindo um dos momentos mais sanguinários da história do Brasil. Contabilizamos mais de duas décadas de tomada do poder pelos militares brasileiros, o que oficializou o autoritarismo e a violência como política de Estado.

Nesse sentido, sabe-se das inúmeras perseguições aos grupos de esquerda, aos militantes, aos sindicalistas, aos intelectuais e estudantes, aos artistas e, especialmente, às mulheres e aos homens gays, mas também a todas as pessoas que ousavam destoar da normatividade imposta por causa de suas dissidências de gênero: travestis, transexuais, bissexuais e lésbicas, dentre outros.

Ainda que a ditadura cívico-militar seja marcada pela repressão, a intolerância e o autoritarismo, podemos notar um movimento de resistência pelo viés das artes e da literatura. O Ato Institucional Número Cinco (doravante AI-5), por exemplo, objetivava, entre outras arbitrariedades antidemocráticas, regular as manifestações artísticas e culturais, tendo como mecanismo de controle a censura às artes e à imprensa.

Mesmo assim, é nesse período que nasce, por exemplo, a *Tropicália*, movimento cultural que, entre os anos 1967 e 1968, foi responsável pelo surgimento de novos artistas. Além disso, cantores renomados fizeram da música uma forma de resistência ao autoritarismo militar e, aqui, bastaria citar alguns exemplos como Chico Buarque, Geraldo Vandré, Caetano Veloso e Gilberto Gil. Também cabe mencionar o grupo de resistência Dzi Croquettes que “podem ser considerados um fenômeno na vida cultural brasileira em plena ditadura” (Trevisan, 2018, p. 74).

Na esfera do literário, o período de autoritarismo brasileiro é marcado pela produção narrativa de escritores censurados e perseguidos ao longo desse momento da história política nacional¹. A escritora Cassandra Rios teve 36

¹ A este respeito, conferir a tese de doutoramento intitulada “*Homossexualidade e autoritarismo: uma leitura de Herbert Daniel, Osvaldo Bazán e Pedro Lemebel*”, de autoria de José Veranildo Lopes da Costa Junior, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Brasil).

romances censurados pelo regime cívico-militar. Caio Fernando Abreu, através de estratégias retóricas como a alegoria, utilizou a sua literatura como forma de denúncia ao obscurantismo político da época.

De modo geral, isso significa dizer que o período militar, ainda que impróprio para as artes e para o pensamento crítico, através das dinâmicas de resistência e resiliência à experiência ditatorial, foi capaz de germinar uma produção literária e artística de qualidade, comprometida, sobretudo, com o processo de redemocratização brasileira.

Destarte, quando fixamos o nosso olhar para a literatura – particularmente para os gêneros da esfera narrativa – notamos que a vida durante a ditadura pode ser contada sob duas perspectivas. A primeira compreende um conjunto de romances escritos no decorrer da vigência do período cívico-militar, cujos escritores vivenciaram a ditadura, ou seja, estavam vivos durante o referido momento histórico. Uma segunda possibilidade diz respeito a um conjunto de textos produzidos após o período ditatorial, desde o momento de redemocratização até os dias atuais.

Neste trabalho, ocupamo-nos do exame de *Meu corpo daria um romance* (1984), de autoria de Herbert Daniel, cuja publicação nos últimos momentos do regime cívico-militar, enquadra-se na primeira categoria citada anteriormente, aquela que tange um conjunto de romances escritos durante os anos de chumbo.

Herbert Daniel nasceu em 14 de dezembro de 1946, na capital de Minas Gerais. Além da literatura, dedicou-se ao jornalismo e à sociologia. No decurso do período antidemocrático, o escritor atuou na luta armada como guerrilheiro contra o regime de autoritarismo instalado no Brasil. Na Universidade Federal de Minas Gerais, chegou a cursar o Bacharelado em Medicina, além de ter contribuído com o movimento estudantil. Em 1974, Herbert deixou o Brasil para morar em Portugal com o seu companheiro. Na França, estudou Jornalismo. O jovem militante retornou ao Brasil em 1981, após o início do processo de redemocratização.

Ademais, o escritor mineiro militou no Partido dos Trabalhadores e no Partido Verde, tendo grande atuação na defesa da ecologia, do meio ambiente e dos direitos dos homossexuais. Em 29 de março de 1992, Herbert Daniel vai a óbito, em decorrência de dificuldades causadas pelo HIV/AIDS em uma época na qual a comunidade gay lutava por direitos de acesso à saúde pública e a tratamentos adequados para sobrevivência. O autor deixou valiosos ensaios críticos e alguns romances, dentre os quais citamos: *Passagem para o próximo sonho* (1982), *A fêmea sintética* (1983), *As três moças do sabonete* (1984), *Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos* (1987) e *Vida antes da morte* (1994).

Percebe-se, portanto, que além da militância na defesa do reestabelecimento da democracia no Brasil, Herbert Daniel foi crítico e pensador

da realidade brasileira. Entretanto, notamos que esse autor ainda é pouco estudado no nosso país. O pesquisador estadunidense Israel Pechstein (2015, p. 78) sinaliza que “vale a pena chamar a atenção para a falta de pesquisa sobre Daniel e sua obra. Há uma ausência notável de estudos sobre a literatura do autor”.

Pensando em contribuir com estudos sobre a escritura literária de Herbert Daniel, neste artigo, é de nosso interesse realizar um *agenciamento*, para utilizar os termos dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, entre literatura e filosofia. A leitura crítica apresentada ancora-se, principalmente, na coleção *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, obra considerada fundamental para compreender o pensamento filosófico deleuze-guattariano.

Para tanto, almejamos aproximar o romance de Herbert Daniel à ideia de *rostidade* (Deleuze – Guattari, 2012) para, em conjunto com a literatura, refletirmos sobre a máquina abstrata de rostidade que permite analisar as características do sujeito preconceituoso, intolerante e homofóbico.

Subversivas, bichas, não recomendadas à sociedade²

Entre março e junho de 1964, o Brasil foi palco de uma série de manifestações populares denominadas *Marcha da família com Deus pela liberdade*. Esses movimentos ocorreram nas principais cidades brasileiras e tinham como objetivo barrar a dita ameaça da implantação do comunismo em nosso país. A *Marcha* foi também uma resposta da sociedade civil e de setores ultraconservadores, como a Igreja Evangélica, após um discurso proferido por João Goulart, em 13 de março de 1964.

Nos anos 1960, crescia na população um sentimento de descrença nas instituições, marcado por delicados momentos na economia do nosso país. Setores organizados (as Igrejas, os empresários e a classe política) constituíram no senso comum a ideia de que um novo governo seria a salvação para os problemas sociais daquele período. Em 31 de março de 1964, os militares oficializam o Golpe de Estado e implantam o regime militar no Brasil. Após a derrubada de João Goulart, o movimento inicial transforma-se em *Marchas da vitória*.

É importante destacar que diversos estudiosos oriundos da história e das ciências sociais denominam o período militar de *regime cívico-militar*. Tal nomenclatura justifica o fato de que os militares chegaram ao poder com amplo apoio dos empresários e de setores religiosos que, de certa forma, conseguiram respaldo popular. Assim, cabe dizer que os anos de chumbo no Brasil revelam

² Parte do subtítulo faz referência à canção “Não recomendado”, de Caio Prado.

também o conservadorismo de parte do tecido social brasileiro que apoiou práticas antidemocráticas, como a tortura e a perseguição ao diferente, sistematicamente etiquetado como *subversivo*.

Por essa linha de pensamento, a obra *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*, publicada em 2014 pela Editora da Universidade Federal de São Carlos (organizada por James N. Green e Renan Quinalha), transformou-se em uma das mais importantes fontes para compreender a repressão aos grupos sexuais dissidentes ao longo dos anos de autoritarismo no Brasil. O livro surge com os seguintes questionamentos:

Do cruzamento entre a ditadura e as homossexualidades, diversas questões emergem do plano. Quais foram os efeitos da ditadura no cotidiano de mulheres que amavam outras mulheres, de homens que desejavam outros corpos masculinos, ou mulheres e homens que se recusaram a reproduzir as noções e o comportamento hegemônicos de gênero? A situação de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros piorou ou melhorou sob a ditadura durante os anos 1960, 1970 e 1980? Houve uma consequência real na vida do “homossexual comum” quando os generais substituíram os civis no governo, quando a Lei de Segurança Nacional fortaleceu o poder arbitrário do Estado, quando a censura passou a exercer maior influência sobre a produção cultural e quando o novo regime acabou com as liberdades democráticas impondo uma moral baseada em valores conservadores? (Green – Quinalha, 2014, p. 19).

É certo que houve uma tentativa de normatização das liberdades individuais, o que resultou na perseguição e na repressão aos sujeitos que se recusaram a viver suas vidas baseadas em comportamentos hegemônicos e em dicotomias operantes de gênero e sexualidade. Nesse sentido, sabe-se que “as forças de segurança apontaram para a homossexualidade, pública e privada, como manifestação da subversão” (Cowan, 2014, p. 28). Além disso, a homossexualidade foi entendida, ainda, como “parte de um complexo de desvios sexuais, culturais e morais que trariam o triunfo da subversão” (Cowan, 2014, p. 28).

Dessas considerações, afirmamos que os anos de chumbo no Brasil foram transpassados por movimentos ultraconservadores que tentaram regular as práticas sexuais e estabelecer a heterossexualidade como único arranjo afetivo possível, reprimindo as individualidades, as subjetividades e os desejos de cada ser social. Institucionalizou-se, desse modo, uma perseguição aos homossexuais durante a ditadura:

As forças de segurança, portanto, monitoraram e policiaram a homossexualidade por várias razões nas duas décadas após 1964. Seguindo tendências históricas,

nacionais e internacionais, ideólogos da segurança nos anos 1960 teorizaram o *homossexo* como parte de uma série de ameaças degenerativas à segurança nacional anticomunista (Cowan, 2014, p. 29).

Portanto, mesmo levando em consideração que a homossexualidade foi tida como uma ameaça à segurança nacional, e que a ditadura representou um momento de opressão e repressão às sexualidades não-normativas, sabe-se que as décadas de 1960, 1970 e 1980 caracterizaram-se como anos de resistência ao conservadorismo operante – na abertura de casas noturnas e boates gays nas grandes capitais, como também na publicação de romances que reelaboram esse período da nossa história.

A máquina abstrata de rostidade: agenciamentos entre literatura e filosofia

E se fosse possível desenhar o rosto dos torturadores? Se a ciência nos permitisse desenhar a face dos fascistas, dos conservadores, dos racistas, dos machistas, dos misóginos e dos homofóbicos, que rosto seria esse? Quais as características dessa rostidade? Em Deleuze e Guattari (2012), a máquina abstrata de rostidade torna-se um traço central na interpretação de um pensamento filosófico fluído e contemporâneo.

Para os autores franceses, existem dois estratos para a rostidade: um de *significância* e outro de *subjetivação*. Em suas palavras, a significância “não existe sem um muro branco sobre o qual inscreve seus signos e suas redundâncias. A subjetivação não existe sem um buraco negro em que aloja sua consciência, sua paixão, suas redundâncias” (Deleuze – Guattari, 2012, p. 36). Dito isso, os filósofos sustentam que um rosto não é, em sua gênese, individual. Dessa forma, o rosto é uma redundância, pois:

O rosto constrói o muro do qual o significante necessita para ricochetear, constitui o muro do significante, o quadro ou a tela. O rosto escava o buraco de que a subjetivação necessita para atravessar, constitui o buraco negro da subjetividade como consciência ou paixão, a câmera, o terceiro olho (Deleuze – Guattari, 2012, p. 36).

Os filósofos explicam que o rosto não constitui o muro do significante, nem o buraco da subjetividade. Contudo, o rosto concreto se esboça sobre o muro branco e aparece no buraco negro. Com outras palavras, Deleuze e Guattari acreditam que o rosto nasce de uma impiedosa obscuridade, em que a luz do muro branco mistura-se com a escuridão do buraco negro. Para eles, “os rostos concretos nascem de uma máquina abstrata de rostidade, que irá produzi-los ao mesmo tempo em que der ao significante seu muro branco, à subjetividade

seu buraco negro” (Deleuze – Guattari, 2012, p. 37). A máquina abstrata surge de momentos inesperados, do acaso. Os autores também distinguem o *rosto* da *cabeça*:

O rosto faz parte de um sistema superfícies-buracos, superfície esburacada. Mas esse sistema não deve sobretudo ser confundido com o sistema volume-cavidade, próprio do corpo (proprioceptivo). A cabeça está compreendida no corpo, mas não no rosto. O rosto é uma superfície: traços, linhas, rugas do rosto, rosto comprido, quadrado, triangular; o rosto é um mapa, mesmo se aplicado sobre um volume, envolvendo-o, mesmo se cercando e margeando cavidades que não existem mais senão como buracos. O rosto só se produz quando a cabeça deixa de fazer parte do corpo, quando para de ser codificada pelo corpo, quando ela mesma para de ter um código corporal plurívoco multidimensional (Deleuze – Guattari, 2012, p. 38).

Se pensarmos em uma cartografia, notamos que o rizoma, em uma perspectiva contemporânea, assemelha-se a um mapa, o qual se caracteriza por uma equação simples: não se sabe qual o ponto de início de um mapa, da mesma forma como não se pode delimitar o seu ponto conclusivo. As entradas e saídas dependem exclusivamente do nosso olhar sobre o próprio mapa. Entretanto, em uma geografia tradicional, os mapas têm como utilidade a delimitação dos espaços e dos limites fronteiriços.

Na concepção de Deleuze e Guattari, o rosto é um mapa, pois este é formado por inúmeras linhas que formam a subjetividade da nossa rostidade. Por outro lado, a cabeça é fixa a estrutura do nosso corpo, o que se assemelha a uma árvore-raiz, a qual se caracteriza justamente pela verticalidade e pela formação de raízes que nos prendem em uma estrutura imóvel. O nosso rosto possui linhas que ilustram o modo pelo qual enxergamos e atuamos no mundo em que vivemos. Essas linhas localizam o nosso discurso e as nossas ações como seres contemporâneos que agem como rizomas ou na posição de indivíduos tradicionais, os quais atuam no mundo como árvores-raízes, ou seja, como seres fixos e imóveis.

Meu corpo daria um romance (1984) conta a história de afeto entre o personagem Daniel e o seu namorado que, em uma parada de ônibus da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, trocam um beijo e vivem onze minutos de violência de gênero e de negação das liberdades individuais. O enredo, de forma geral, pode ser dividido em onze minutos, os quais correspondem a onze momentos vividos ao longo da viagem de ônibus (Costa Junior, 2020).

A história tem como protagonista principal Daniel, que ora exerce o papel de narrador do romance, ora diz respeito ao protagonista da narrativa e ora confunde-se com o nome do autor: Herbert Daniel, o que nos faz pensar que esse

romance se dilui nos limites pantanosos entre a história e a própria literatura, no qual percebemos um entrelaçamento de fatos entre a vida do autor, do personagem e do narrador ficcional. Além disso, o romance apresenta inúmeros personagens secundários, que são os demais passageiros do transporte público.

Entre as questões pontuadas pelo autor, analisaremos, neste artigo, a que se refere a recontar a história do beijo entre Daniel e o seu namorado e os desdobramentos dessa manifestação de afeto no âmbito da vida pública:

CORPO A CORPO, esbarrei com a vida, ali e já, em onze divisões de coisa ou caso. Despedi-me do meu amigo com um beijo na boca, ainda comovido e feliz. Fora tão bonita aquela conversa de bar e noite e intimidades, entrei no ônibus. Ainda acenei sorrindo para o meu namorado que cambaleava, pálido: as caipirinhas produziram um efeito mau e emocional – e ele gostava de se sentir zozzo e embebedado com o clima que nós criamos. De tudo resultou que nos despedimos ali, na madrugada de Copacabana, com um beijo – furtivo – na boca. Um beijo que aconteceu como uma conversação: sem plano. Não nos bastaria então um aperto de mão, um tapinha nas costas, um gesto camuflado. Movimentos de amor namorado justificavam e exigiam um beijo. Simples, rápido e sensual. Sem audácia, sim, semiclandestino, sim; mas beijo e na boca (Daniel, 1984, p. 13).

Certamente, se não conhecêssemos o enredo desse romance, diríamos que a citação acima trata de uma despedida cotidiana de um casal heterossexual que se beija após uma noite de caipirinhas em um bar na praia de Copacabana. Em nossa sociedade, é comumente aceito o afeto entre casais heterossexuais no cotidiano da vida pública. Entretanto, em uma ótica tradicional e preconceituosa, quando consideramos que os dois personagens envolvidos nesse enredo são homens, a recepção do beijo (e dos afetos) transforma-se em um sentimento de intolerância, rechaço e violência simbólica.

O beijo, por exemplo, é caracterizado como um sentimento semiclandestino e, além do mais, a troca do afeto entre os dois jovens foi potencializada pelo efeito das caipirinhas degustadas em uma noite qualquer, o que significa dizer que, na sobriedade de dias regulares, a troca de um beijo não é um evento recorrente na vida de casais homossexuais. Ainda assim, notamos também um movimento de transgressão entre os personagens que, mesmo conscientes de que, em uma sociedade conservadora, o beijo entre dois iguais é considerado um afeto semiclandestino, eles decidem arriscar a troca do afeto em público.

A narrativa do beijo entre os dois personagens é recontada em vários outros momentos, sempre no início dos capítulos que formam o romance. Em nossa opinião, esse movimento de reelaborar o mesmo episódio cerca de onze

vezes pode parecer, para um leitor menos atencioso, um tanto quanto cansativo. Contudo, a repetição mostra que a reelaboração desse beijo é possível a partir dos recortes da memória individual do protagonista e do narrador. Além disso, a cada reelaboração do beijo, vemos a reação de vários passageiros do ônibus ao perceber a troca do beijo entre os dois rapazes.

Ao longo da fábula, deparamo-nos com discursos preconceituosos que, nessa conjuntura, transformam-se em violência simbólica contra o protagonista do romance. Um exemplo contundente dá-se quando Daniel entra no ônibus e a troca do beijo com o seu namorado transforma-se no assunto mais comentado pelos demais passageiros:

Vocês comentavam, não entendi nada, o beijo bicha, escarnecendo o ato que achavam ridículo, meu provável modo de sexualidade. Alteravam a voz numa paródia do que seria uma fragilidade grotesca (feminina? Virgem! Feminina!), ou uma culposa falência masculina (masculina? Mais valia: Macha.); flauteavam: - Vi... a... dô... – bem baixinho, só pra brincar um pouco, sem ruindade, só gozação (Daniel, 1984, p. 15).

Ao entrar no transporte público, Daniel nota que os passageiros comentavam entre si sobre a troca do beijo entre ele e o seu namorado. Os cidadãos caracterizam o episódio como ridículo e, ao se questionarem sobre a sexualidade de Daniel, criam um binarismo de gênero entre feminino e masculino; feminina e macho. Isso denota um primeiro traço que ilustra a rostidade desses personagens que consideram os arranjos afetivos exclusivamente a partir de um binarismo de gênero operante sendo, nessa visão, praticamente impossível o estabelecimento de laços afetivos entre dois iguais, sejam eles homens ou mulheres. Assim, os passageiros chegavam a pronunciar um “vi... a... dô...” (Daniel, 1984, p. 15) como forma de difamar a imagem do protagonista. Em outro momento do romance, o narrador autodiegético relata-nos:

Durante a viagem de ônibus, vigiado e indiciado, fui sendo processado, o que já era punição bastante para o crime de praticar a subversão de amar fora do fórum familiar do falo. Um dos passageiros, depois de ter olhado fixamente para mim, acompanha um jornal onde encontra descrições de façanhas de heróis esportivos; corpos divinos e limites. Não me vejo neste jornal contemplado com nenhuma informação interessante (Daniel, 1984, p. 83).

A sexualidade de Daniel era, nos termos do romance, vigiada e indiciada, o que significava uma punição para o crime cometido pelo personagem. Nesse sentido, um dos passageiros olhava para Daniel de modo fixo, insinuando um

sentimento de intolerância em razão da troca do beijo, o que pode ser ilustrado com o desabafo do narrador: “havia naqueles olhares algo mais brutal que uma simples crítica ou um banal repúdio. Havia desejo atravancado e fascismo” (Daniel, 1984, p. 84). Com este excerto, encontramos mais uma característica da rostidade dos passageiros do transporte público. O olhar daqueles homens não era apenas um movimento de intolerância, mas pode significar a manifestação de um desejo reprimido, impedido e sustado por uma sociedade binária.

Segundo o narrador, havia fascismo no olhar daquele passageiro. É necessário, portanto, recordar que o fascismo foi um regime político instaurado na Itália, por Benito Mussolini, cujo principal traço que singulariza esse regime é o controle das liberdades individuais. Portanto, ao exceder as normas que regem uma sexualidade binária e heterossexual, Daniel teve suas liberdades individuais questionadas por indivíduos que exercem um tipo de controle em torno da sua sexualidade transgressora, cuja prática repressora pode-se sinalizar com as seguintes palavras:

Trocado o beijo com meu namorado, embarquei. Só percebi que atravessara para outra dimensão da vida enquanto procurava no bolso as moedas para pagar ao trocador. E fui percebendo os olhares e uma linguagem que desfazia a conversação amorosa que eu tivera até ali para impor em mim um silêncio e as regras gramaticais da força do ódio. Calado, paguei. Atravessei a roleta. Atravessei. Os mortos, na sua travessia, também devem carregar uma moeda sob a língua (Daniel, 1984, p. 113).

Dentro do ônibus, após atravessar a roleta e efetuar o pagamento do seu deslocamento, Daniel percebe que os demais passageiros que viajavam naquele transporte público, através do olhar, impuseram a ele o silêncio da sua sexualidade e das subjetividades sexuais. Essas tentativas de silenciamento são entendidas como “regras gramaticais da força do ódio” (Daniel, 1984, p. 113) e mostram que, se Daniel tivesse entrado no ônibus com o seu namorado, provavelmente, ambos seriam vítimas de violência física. Além do mais, essa imposição silenciosa exemplifica o cotidiano de casais homossexuais que têm suas vidas silenciadas por setores conservadores da sociedade. Em *Como conversar com um fascista* (2018), Marcia Tiburi afirma:

Somos seres capazes de odiar e de amar. O motivo pelo qual amamos é inversamente proporcional ao porque odiamos. No primeiro caso, construímos, no segundo, destruimos. Ora, sabemos que os afetos são sempre aprendidos. Eles se formam em nós por experiências. O fascista é impotente para o amor porque viveu experiências de ódio. Experiências sensíveis e intelectuais. Ele introjetou o ódio muito antes de poder pensar nele. Sempre pensamos o que pensamos

motivados por elementos afetivos. Todos os pensamentos de que sistematicamente odeia como fascista têm como fundamento as potências violentas do ódio (Tiburi, 2018, p. 30).

Durante o romance, Daniel tem a sua sexualidade reprimida e silenciada por um grupo de indivíduos que enxergam o amor exclusivamente a partir de um binarismo de gênero operante. Esses passageiros são semelhantes aos sujeitos fascistas mencionados por Marcia Tiburi, filósofa que afirma que ódio e amor são construções sociais. Ou seja, se somos capazes de aprender a odiar o outro, também somos capazes de amar.

Provavelmente, as pessoas do ônibus que direcionaram a Daniel discursos e olhares preconceituosos viveram experiências de ódio, e, nesse contexto, é necessário recordar que o romance de Herbert Daniel retrata o período ditatorial no Brasil. Por um lado, pode-se justificar que esses personagens fascistas são frutos de um regime político que legalizou a violência como política de Estado. Por outro, absolutamente nada justifica a violência.

Algumas palavras finais

Ao longo desse artigo, estabelecemos um agenciamento entre literatura e filosofia para, a partir do pensamento dos estudiosos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, analisar a rostidade de personagens preconceituosos que figuram em *Meu corpo daria um romance* (1984), de Herbert Daniel.

Sinalizamos que esses personagens secundários não são nomeados no romance, o que significa, em nossa opinião, que não se tratam de sujeitos específicos, mas que cidadãos preconceituosos têm a rostidade de qualquer um de nós. Eles podem ser os nossos parentes, os nossos vizinhos, os nossos colegas de trabalho. Eles são pessoas comuns, do dia a dia.

Na apresentação desse exercício de leitura, verificamos que um dos traços característicos da rostidade dos personagens preconceituosos é o fascismo. Nesse sentido, o sujeito fascista age no mundo a partir de discursos e práticas odiosas. Por isso, segundo Marcia Tiburi (2018, p. 31): “para exterminar a democracia como desejo é preciso que o povo odeie e é isso o que o autoritarismo faz”. Assim, compreendemos que regimes autoritários chegam ao poder tendo como sustentação política a força do ódio no cotidiano da vida pública.

Por fim, Tiburi (2018, p. 31) ainda sustenta que o fascismo “é o cultivo do ódio, de maneiras e intensidades diferentes em tempos diferentes. Às vezes um ódio mais fraco, às vezes um ódio intenso” e, desse modo, entendemos que a situação vivida por Daniel encaixa-se nesse conjunto de ódio mais fraco, mas que destrói a democracia por impedir que o personagem protagonista da narrativa

exercite as suas liberdades individuais e viva a sua sexualidade sem a intromissão do Estado e das forças hegemônicas.

Bibliografia

- COWAN, Benjamin. "Homossexualidade, ideologia e 'subversão' no regime militar" in GREEN, James N. – Renan QUINALHA (org.) *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e busca da verdade*. São Carlos, EduFSCar, 2014. (pp. 27-52).
- COSTA JUNIOR, José Veranildo Lopes da. *Homossexualidade e autoritarismo: uma leitura de Herbert Daniel, Osvaldo Bazán e Pedro Lemebel*. 2020. 178 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2020.
- DANIEL, Herberto. *Passagem para o próximo sonho*. Rio de Janeiro, Codecri, 1982.
- DANIEL, Herberto. *A fêmea sintética*. Rio de Janeiro, Codecri, 1983.
- DANIEL, Herberto. *As três moças do sabonete*. Rio de Janeiro, Rocco, 1984.
- DANIEL, Herberto. *Meu corpo daria um romance: narrativa desarmada*. Rio de Janeiro, Rocco, 1984.
- DANIEL, Herberto. *Alegres e irresponsáveis abacaxis latino-americanos*. São Paulo, Espaço Tempo, 1987.
- DANIEL, Herberto. *Vida antes da morte*. Rio de Janeiro, ABIA, 1994.
- DELEUZE, Gilles – Félix, GUATTARI. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo, Editora 34, 2012.
- GREEN, James N. – Renan QUINALHA. *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e busca da verdade*. São Carlos, EduFSCar, 2014.
- PECHSTEIN, Israel. "Passagem para o próximo sonho, de Herbert Daniel, e seu lugar na literatura brasileira pós-regime militar". *Spanish and Portuguese Review: The American Association of Teachers of Spanish and Portuguese*, v. 1, 2015. (pp. 78-86).
- TIBURI, Marcia. *Como conversar com um fascista*. Rio de Janeiro, Record, 2018.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2018.

José Veranildo Lopes da Costa Junior

Professor do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, lotado no *Campus* Avançado de Pau dos Ferros, Brasil. Doutor em Letras, com tese sobre três romancistas latino-americanos: Herbert Daniel (Brasil), Osvaldo Bazán (Argentina) e Pedro Lemebel (Chile). Desenvolve pesquisas sobre Literatura, História e Política na América Latina.

Contato: jveranildo@hotmail.com

Anselmo Peres Alós

Professor do curso de Letras e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, Brasil. Orientador de graduação, mestrado e doutorado. Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Realizou Estágio de Pós-doutoral em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

Contato: anselmoperesalós@gmail.com

Recebido: 17/01/2020

Aceito: 05/06/2020